



**Beatriz Oliveira Almeida**



Universidade Federal da Bahia (UFBA)

[biariobahia@gmail.com](mailto:biariobahia@gmail.com)

**Lynn Rosalina Gama Alves**



Universidade Federal da Bahia (UFBA)

[lynnalves@gmail.com](mailto:lynnalves@gmail.com)

# **LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPOS DE COVID-19: UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO ATUAL**

## **RESUMO**

A educação remota devido à pandemia causada pelo Coronavírus traz consigo demandas pelo exercício do letramento digital. Assim, o objetivo do artigo é discutir quais as habilidades de letramento digital vêm sendo exigidas nas interações de professores e estudantes no cenário da educação remota, implantada nas escolas privadas da educação básica. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de base qualitativa, utilizando entrevista semiestruturada com 10 pais e responsáveis de estudantes de escolas privadas que estão em distintos grupos escolares. Pela análise, podemos concluir que o desenvolvimento das habilidades operacionais, informacionais e autorais de letramento digital são condições sine-qua-non para o estabelecimento da motivação e do engajamento dos estudantes no processo de ensino remoto.

**Palavras-chave:** Educação remota. Letramento digital. COVID-19.

## **DIGITAL LITERACY IN COVID-19 TIMES: AN ANALYSIS OF EDUCATION IN THE CURRENT CONTEXT**

### **ABSTRACT**

Remote education, due to the pandemic caused by the Coronavirus, brings demands for the exercise of digital literacy. Thus, the aim of the article is to discuss what digital literacy skills have been required in the interactions of teachers and students in the remote education scenario, implemented in private schools of basic education. To this end, a qualitative research was carried out, using semi-structured interviews with 10 parents and guardians of students from private schools who are in different school groups. Through the analysis, we can conclude that the development of operational, informational and authoring skills of digital literacy is a sine-qua-non condition for establishing motivation and engaging students in the remote teaching process.

**Keywords:** Remote education. Digital literacy. COVID-19.

**Submetido em:** 20/05/2020

**Aceito em:** 26/06/2020

**Ahead of print em:** 08/07/2020

**Publicado em:** 18/08/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n28p1-18>



## I INTRODUÇÃO

A pandemia causada pelo vírus COVID-19 (Coronavírus), que se assola em nível mundial, vem alterando os modos de produção econômica, assim como os relacionamentos interpessoais, os ambientes de trabalho e o sistema educacional. Videoconferências, reuniões virtuais, aulas e palestras *on-line*, *lives* de artistas, empresários, professores e pesquisadores, a mobilização de intelectuais e cientistas, correntes voluntárias e discussões políticas, tornaram-se recorrentes na tentativa de esclarecer e orientar os efeitos impostos pelo distanciamento social.

As tecnologias digitais são substâncias para a performance dessas interações, proporcionando, através de uma série de plataformas digitais, o estabelecimento da comunicação com uma parcela da população que tem acesso a agenciamentos sociotécnicos e que se encontram em distanciamento social. Entretanto, a implantação ou implementação dessas práticas nas relações sociais demandam o domínio de habilidades e competências do chamado letramento digital. Conceito que já vem sendo discutido nacionalmente e internacionalmente desde o século XX, como as práticas letradas mediadas pelas tecnologias digitais (SOARES, 2002; BUZATO, 2007; XAVIER, 2005).

De acordo com pesquisas como as de Crearie (2016) e Cronin (2017), um sujeito letrado digitalmente é aquele que se apropria das tecnologias digitais e realiza práticas de leitura e escrita em diferentes dispositivos, seja para trabalhar, estudar, se comunicar ou produzir conteúdo no ciberespaço. Se apropriar, nesse sentido, refere-se à própria capacidade de entender e usar a informação disponível em rede de maneira crítica. Para isso, é necessário transcender a abordagem utilitarista, predominante, focada exclusivamente no desenvolvimento de habilidades operacionais no uso das tecnologias digitais, para dar espaço a uma abordagem que promova uma atuação crítica e ativa dos sujeitos no ciberespaço (DAVILA, 2020).

No que se refere, especificamente à educação, a demanda pelo desenvolvimento das habilidades de letramento digital se expressa de maneira ainda mais urgente já que, medidas emergenciais, devido ao cenário da COVID-19, levou algumas escolas e universidades privadas do país a implantarem plataformas digitais e Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) para educação remota. Nesses ambientes digitais, proliferam-se maneiras multimodais<sup>1</sup> de produzir significados, onde as práticas e eventos de letramento antes mediados por gêneros escritos e orais, passam a dialogar com o visual, sonoro e o espacial, demandando, assim, o desenvolvimento de outros tipos de letramento, dentre eles, o letramento digital.

---

<sup>1</sup> Materiais multimodais são aqueles que abrangem mais de um código semiótico, ou seja, em um ambiente virtual, o texto em si, o suporte, o *design* da tela, o arranjo dos diversos itens, as formas, os tamanhos, as cores, compõem a multimodalidade (SILVA, 2017).

Desta forma, pretendemos discutir quais as habilidades relacionadas com o letramento digital vêm sendo exigidas nas interações realizadas por professores e estudantes no cenário da educação remota, implantada nas escolas privadas da educação básica. Para dialogar sobre esse assunto, foram entrevistados 10 pais e responsáveis de estudantes da educação básica de diferentes escolas privadas da cidade de Salvador (Bahia), que estão em distintos grupos escolares, isto é, da educação infantil ao segundo ano do ensino médio. Vale destacar que os entrevistados fazem parte de uma parcela privilegiada da população brasileira, pois são oriundos da classe média, possuem ensino superior completo, são professores da rede pública, inclusive de Instituições de Ensino Superior (IES), e custeiam o ensino dos seus filhos na rede privada.

É preciso deixar claro que, neste texto, não estamos em defesa da educação remota, da educação a distância ou da educação presencial, mas nossa intenção é refletir sobre a forma como as práticas pedagógicas vêm sendo construídas nestas modalidades durante a quarentena, que provocou o distanciamento social devido a COVID-19, impossibilitando a realização das atividades docentes previamente existentes.

Para discutir esses aspectos, este artigo está dividido em 3 seções, além dessa introdução e das reflexões finais. Na primeira seção, A educação remota: uma solução emergencial?, apresentamos o contexto do ensino remoto na atual conjuntura causada pelo Coronavírus, discutindo essa configuração no contexto a rede privada. A segunda seção, denominada Letramento Digital: conceitos e modelos, discute as principais concepções acerca do letramento digital. A terceira seção compreende o Percorso Metodológico a investigação realizada, apresentando o espaço empírico, os participantes e o roteiro de entrevista que contribuiu para a produção de dados. E, por fim, a quarta seção, denominada Quais são as habilidades de letramento digital requeridas no cenário da COVID-19?, onde pretendemos discutir os depoimentos dos entrevistados à luz das concepções do letramento digital.

## **2 EDUCAÇÃO REMOTA: UMA SOLUÇÃO EMERGENCIAL?**

O afastamento social recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como medida de contenção do novo Coronavírus, dentre outras consequências, resultou na suspensão das aulas presenciais da rede pública e privada em nível básico e superior. Organizações mundiais como a Unesco (2020) e a Unicef (2020) contabilizaram um total de 91% de alunos do mundo e mais de 95% da América Latina que estão com as atividades escolares suspensas devido a COVID-19.

O cenário exigiu uma rápida adaptação das instituições de ensino, especialmente as da rede privada, que buscaram, através da educação remota, uma solução para dar continuidade ao ano letivo. A educação remota, diferentemente da educação a distância (EAD), é caracterizada pela disponibilização de

videoaulas gravadas, aulas *online* e compartilhamento de materiais digitais em plataformas *online* (ARRUDA, 2020). Enquanto a EAD deve ser entendida como uma modalidade de ensino que pressupõe uma reestruturação dos currículos, dos materiais didáticos e do processo de avaliação como um todo (ANDRADE; ZERBINI, 2019), legalizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação e 1996.

Em caráter emergencial, a reestruturação curricular para uma modalidade EAD se tornaria inviável. Nesse sentido, o ensino remoto, tornou-se uma espécie de *e-learning*, onde os professores prestam tutoria eletrônica, disponibilizam material *online* e interagem com seus alunos de forma síncrona: quando a comunicação ocorre de maneira simultânea, através de aulas ao vivo e chats de comunicação; e de maneira assíncrona: quando a comunicação acontece em tempos diferentes, através de aulas gravadas e fóruns para esclarecer as dúvidas. Nessa modalidade de ensino, o conteúdo programático e a informação, que antes estavam concentrados em espaços e dispositivos físicos, como nas bibliotecas, nas escolas e nos livros didáticos, hoje estão disponíveis no ciberespaço.

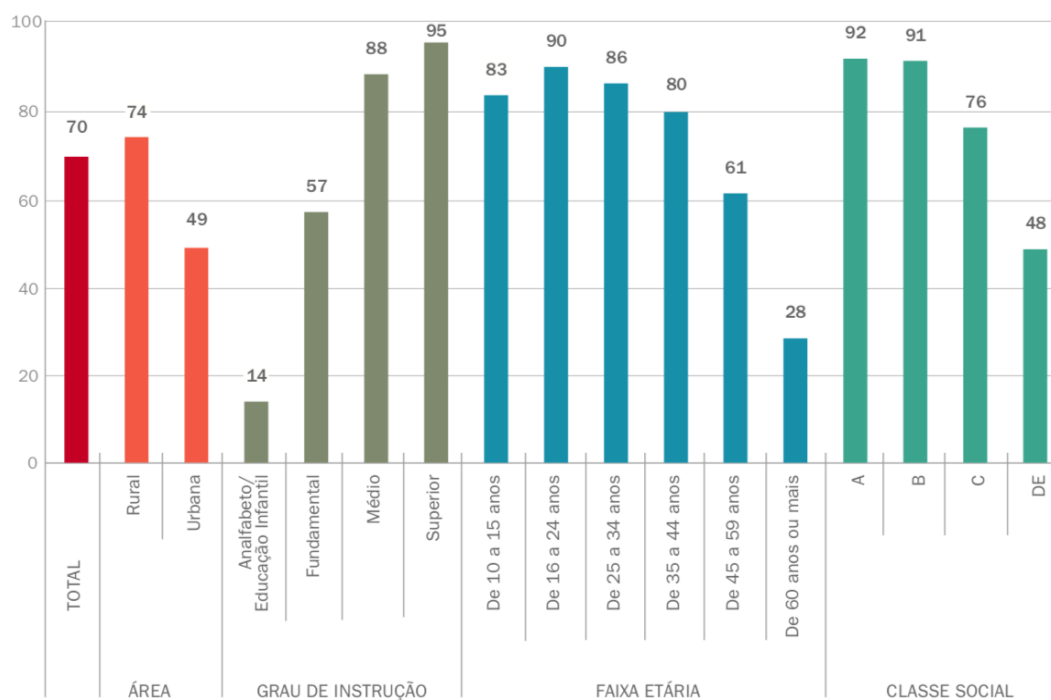
Plataformas como o *Teams*, *Google Class*, *Google Meet* e *Zoom*, foram as mais citadas pelos 10 responsáveis entrevistados. Com funcionalidades muito similares, essas plataformas, quase todas operadas por grandes empresas como *Microsoft* e *Google*, encontram-se em uma grande corrida mercadológica e também estão se beneficiando de uma série de dados e informações de instituições, alunos, pais e professores, colocando questões associadas a privacidade e direitos autorais em xeque.

Por um lado, a suspensão total das atividades da educação básica gera uma redução drástica dos estímulos que buscam o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes (BANCO MUNDIAL, 2020). Em contraponto, as instituições de ensino, os professores e os próprios estudantes vêm encontrando dificuldades de adaptação ao modelo de ensino remoto devido a questões de acesso às tecnologias digitais de um modo geral, a falta de um ambiente familiar que propicie o aprendizado remoto e a não formação dos alunos e profissionais com os ambientes virtuais devido a questões associadas ao letramento digital.

Devido a essas dificuldades, a implantação da educação remota vem evidenciando ainda mais as disparidades socioeconômicas e culturais existentes no nosso país. As questões socioeconômicas estão, principalmente, associadas aos estudantes das escolas públicas em situação de vulnerabilidade, que não possuem acesso à rede ou à dispositivos digitais. Os dados da pesquisa "TIC Domicílios" realizada pelo Comitê Gestor da Internet (CGI.BR, 2019a) indicam que, apesar dos avanços observados ao longo da última década, o uso da rede no país ainda ocorre de forma bastante desigual. O gráfico da Figura 1 descreve que essa disparidade ocorre, principalmente, entre as classes D e E, onde o número de usuários com acesso a Internet ainda era inferior à metade (48%). Entretanto, mesmo com essa diferença, o documento destaca que o acesso à Internet desse público cresceu significativamente nos últimos anos,

passando de 30%, em 2015, para 48%, em 2018, um acréscimo de 24,6 milhões de usuários de Internet nessa classe no país (CGI.BR, 2019a). Entretanto, este crescimento ainda não atende a necessidade real.

Figura 1: Usuários de internet por área, grau de instrução, faixa etária e classe social (2008 – 2018)  
Total da população (%)



Fonte: CGI (2019a)

Culturalmente, mesmo que fosse flexibilizado pelo governo federal a disponibilização de internet às comunidades mais vulneráveis, nesse período de distanciamento social, a implantação da educação remota para esse público ainda ressaltaria uma série de disparidades na aprendizagem devido ao fato de que os pais ou responsáveis, em sua grande maioria, não têm preparação pedagógica para acompanhar o desempenho educacional dos filhos. Além disso, o contexto de distanciamento social ainda tem aflorado relações familiares abusivas que prejudicam ainda mais o processo de ensino remoto<sup>2</sup>.

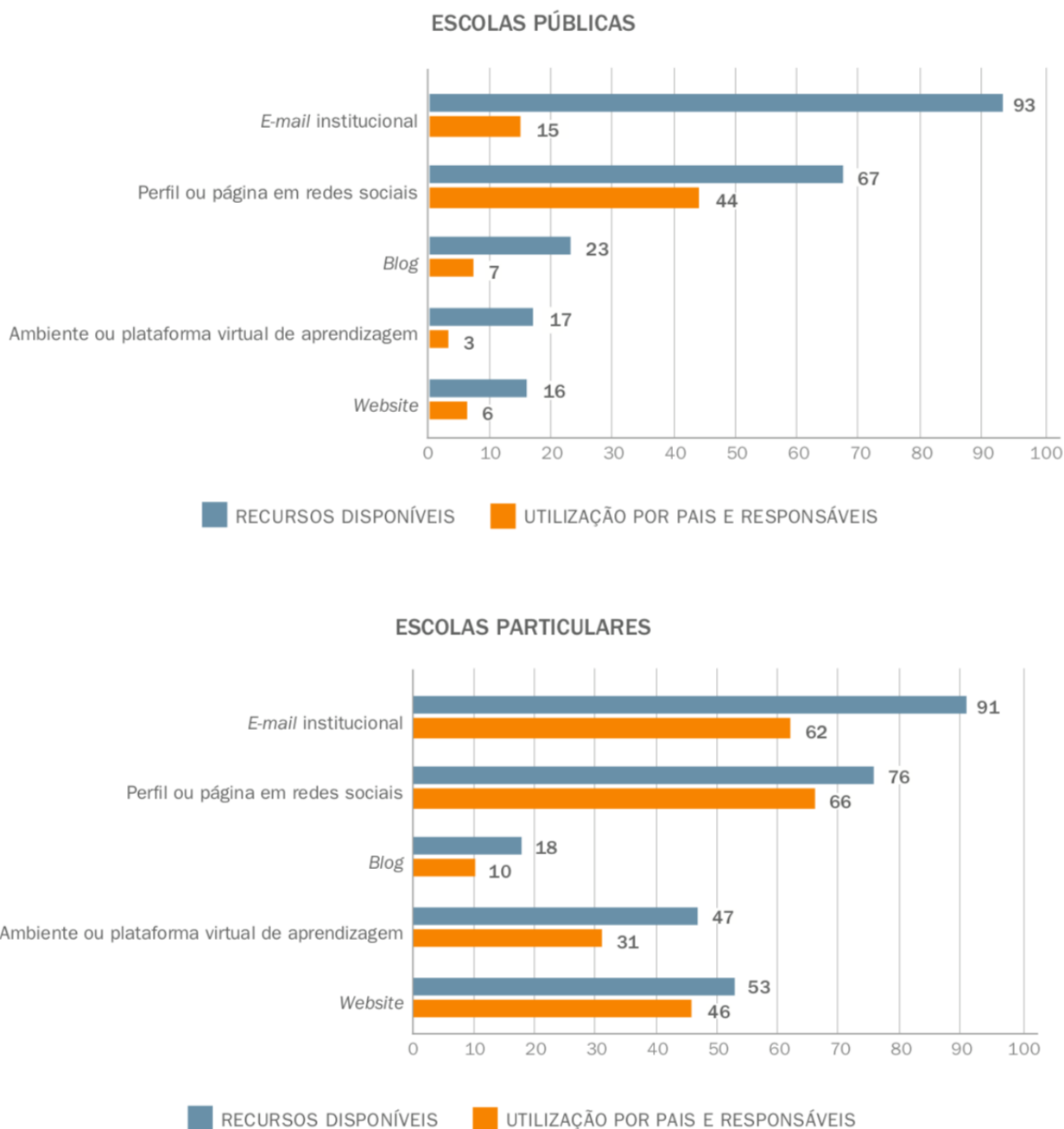
Outro fator que resalta também essa disparidade é a não implantação anterior de práticas educacionais que utilizassem as tecnologias digitais como mediadoras do processo de ensino. A pesquisa "TIC Educação", também realizada pelo Comitê Gestor da Internet (CGI.BR, 2019b), indica os percentuais dos recursos digitais disponíveis e utilizados por pais e responsáveis de escolas públicas e privadas do país (Figura 2).

Apesar de não ser o público alvo desta investigação, é importante que seja feito o paralelo entre a realidade da educação pública e privada, para que se compreenda o contexto político, cultural e social em

<sup>2</sup> Os impactos do distanciamento social promovido pelo COVID-19 nos casos de violência doméstica. Disponível na URL <https://cleydyanegomesadv.jusbrasil.com.br/artigos/825333077/os-impactos-do-distanciamento-social-promovido-pelo-covid-19-nos-casos-de-violencia-domestica?ref=feed>. Acessado em 16 maio 2020.

que estamos inseridos. Os dados da Figura 2 confirmam concepções já enraizadas pelo senso comum, mesmo antes do cenário da educação remota que surge como consequência da COVID-19, pais e responsáveis dos estudantes de escolas particulares interagem mais com os recursos digitais disponibilizados pela escola, como e-mail institucional, ambientes virtuais e redes sociais, do que os pais e responsáveis dos estudantes de escolas públicas do país.

Figura 2: Escolas urbanas, por recurso disponível e por utilização dos recursos disponíveis por pais e responsáveis (2018). Total de escolas localizadas em áreas urbanas (%)



Fonte: CGI (2019b)

Logo, essa discussão nos aponta que a educação remota pode ser uma solução emergencial para uma parcela privilegiada da população. Atendendo, majoritariamente, aos estudantes de escolas

particulares, inseridos nas classes A e B, com acesso a diferentes dispositivos digitais, rede de internet, ambiente familiar propício para educação em casa e pais que possuem nível de escolaridade que permite mediar esse modelo educacional.

Devido a esses fatores, podemos constatar que atividades remotas têm suas limitações e, apesar de ser uma medida emergencial, não conseguirão substituir o ensino básico presencial. Zhou et. al. (2020) confirmam nossa afirmação evidenciando que os estudantes que possuem atividades escolares restritas a uma mediação totalmente a distância tendem a aprender menos do que aquelas que usufruem a vivência presencial nas escolas. Especialmente no que se refere à Educação Básica, à interação *face-to-face* com os professores é fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, o ensino remoto mediado pelas tecnologias digitais deve ser avaliado de maneira crítica, levando-nos a refletir que, apesar de ter sido uma medida emergencial capaz de reduzir os impactos causados pelo fechamento das instituições de ensino, devido as dificuldades apontadas.

### **3 LETRAMENTO DIGITAL: CONCEITOS E MODELOS**

Dentre as dificuldades discutidas na seção anterior e, levando em consideração apenas aqueles estudantes que possuem acesso a algum dispositivo digital com internet, o ensino remoto ainda traz à tona uma série de desafios associados ao letramento digital. Kleiman (2014), Buzato (2007) e Soares (2002) definem letramento digital como as práticas sociais que se entrelaçam e se modificam com as tecnologias digitais. Entretanto, é preciso reconhecer o letramento digital de maneira ampliada, como um conceito associado a práticas sociais que influenciam, também, culturas e pessoas que não dominam a escrita. Ou seja, o letramento digital ultrapassa o âmbito do domínio de técnicas, habilidades e capacidades de uso da leitura e escrita na tela, e passa a ser um processo mais amplo, que atua em diferentes espaços e contextos para além dos muros das escolas.

Por ser um fenômeno que ultrapassa os espaços escolares, esse tipo de letramento deve ser analisado através de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita. Para Kleiman (2010, p. 18) podemos definir o letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Trazendo essa definição para o âmbito do digital, a concepção sociocultural destaca o caráter situado das práticas de letramento digital, ou seja, os usos da língua escrita fora da escola são heterogêneos e podem variar de acordo com os sujeitos, os objetos, as intenções e as instituições envolvidas. Consequentemente, um mesmo evento de letramento pode ser realizado através da mobilização de diferentes recursos, saberes e significados de acordo com a situação. Por exemplo, escrever um *e-mail* pode ser feito de diferentes modos, dependendo

a quem se refere, ao assunto que vai ser abordado no corpo do texto, entre outras tantas variáveis, confirmando assim, a ligação direta entre o letramento, as práticas sociais e o contexto sociocultural.

Nesse sentido, para uma categorização mais sistematizada das definições de letramento digital encontradas na literatura, criamos duas categorias teóricas que chamaremos de vertentes do letramento digital: o modelo autônomo de letramento digital e o modelo ideológico de letramento digital. A criação destas categorias é uma tradução da perspectiva analógica para a digital dos modelos autônomo e ideológico de letramento propostos por Street (2014).

O modelo autônomo de letramento digital desconsidera o contexto histórico e sociocultural que envolve as práticas de letramento, incluindo definições para designar práticas mediadas pelas tecnologias digitais, dando ênfase ao uso instrumental dessas “ferramentas”. As definições que alocamos, nesse modelo, seguem esta linha e estão intimamente associadas a autores que tradicionalmente já discutiam o letramento antes mesmo do surgimento da Web 2.0 (PANEL, 2002; GILSTER, 1997).

Já o modelo ideológico de letramento digital prevê definições mais amplas, colocando-o como prática social culturalmente constituída, passando a considerar as interações para além do uso isolado da leitura e escrita na tela. As definições de letramento digital associadas, ao que chamamos de modelo ideológico, apontam fundamentalmente para habilidades e competências cognitivas associadas às práticas de leitura e de escrita na tela (MISHRA; WILDER; MISHRA, 2017). Chan, Churchill, Chiu (2017) também se referem às habilidades cognitivas e definem letramento digital como a capacidade de construir sentidos aos diferentes âmbitos semióticos, com ênfase no pensamento crítico, na produção e no compartilhamento da informação disponível em rede.

Partindo dessa percepção de letramento digital, Jenkins (2009) destaca que, graças às tecnologias digitais e as diferentes semioses disponíveis, multiplicam-se as possibilidades de participação dos sujeitos na produção e distribuição de conteúdos. As práticas de letramento digital passam a ser mais participativas, colaborativas e distributivas, e o fluxo comunicacional e informacional torna-se bi-direcional (todos-todos) e não mais unidirecional (JENKINS, 2009).

Entretanto, na prática, a educação remota vem trazendo um modelo de *broadcast*, onde os professores transmitem o conteúdo através das plataformas digitais com pouca interação com os alunos, sem se quer ter ideia de como esses sujeitos estão atribuindo sentido aquela determinada temática, configurando o que Jenkins (2009) denominou de unidirecionais.

E, nesse sentido, a quantidade massiva de conteúdo e atividades que passaram a ser disponibilizadas nas plataformas digitais de algumas escolas brasileiras devido a COVID-19, demandam e pressupõem que os sujeitos possuam certas habilidades e competências de letramento digital. Habilidades operacionais que compreendem o uso e reconhecimento da interface e suas funcionalidades; habilidades informacionais que compreendem o reconhecimento, a busca, o acesso e recuperação da informação em banco de dados



de maneira crítica, avaliando a confiabilidade da informação; e habilidades autorais que compreendem as competências para sintetizar, produzir, remixar e compartilhar novos conhecimentos, além de fornecer informações existentes.

## 4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de discutir quais as habilidades relacionadas com o letramento digital vêm sendo exigidas nas interações realizadas por professores e estudantes no cenário da educação remota, implantada nas escolas privadas da educação básica, esse artigo possui uma abordagem qualitativa. Consideramos essa abordagem mais adequada por considerar as diversas interações, fatores e saberes, seja entre o mundo real e o sujeito, seja entre o mundo objetivo e a subjetividade (MINAYO, 2016).

Assim, os sujeitos que participaram dessa pesquisa foram 10 pais e responsáveis de estudantes da educação básica de diferentes escolas privadas da cidade de Salvador (Bahia), que estão em distintos grupos escolares, isto é, da educação infantil ao segundo ano do ensino médio, conforme dados do Quadro 1. Vale destacar que os entrevistados fazem parte de uma parcela privilegiada da população brasileira, pois são oriundos da classe média, possuem ensino superior completo, são professores da rede pública e custeiam o ensino dos seus filhos na rede privada.

Quadro 1: Caracterização dos participantes da pesquisa.

Sujeitos	Informações sobre o responsável	Informações sobre o estudante
Participante 1	Docente da rede pública municipal da Bahia	6 anos, cursando o 1º ano do Ensino Fundamental I.
Participante 2	Docente da Universidade do Estado da Bahia	8 anos, cursando o 3º ano do Ensino Fundamental I.
Participante 3	Docente da rede pública municipal da Bahia	7 anos, cursando o 2º ano do Ensino Fundamental I
Participante 4	Docente da rede pública municipal da Bahia	9 anos, cursando o 4º ano do Ensino Fundamental I
Participante 5	Docente da rede pública municipal da Bahia	16 anos, cursando o 2º ano do Ensino Médio
Participante 6	Docente do Instituto Federal da Bahia	5 anos, cursando o G5 da educação infantil
Participante 7	Docente da Universidade Federal da Bahia	7 anos, cursando o 2º ano do Ensino Fundamental I
Participante 8	Docente da Universidade do Estado da Bahia	5 anos, cursando o G5 da educação infantil
Participante 9	Docente do Instituto Federal da Bahia	2 anos, cursando o G2 da educação infantil
Participante 10	Docente da Universidade do Estado da Bahia	13 anos cursando o 6º ano do Ensino Fundamental II

Fonte: elaboração própria

Como instrumento de produção de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada com os 10 participantes da pesquisa, que foram selecionados a partir dos seguintes critérios: serem pais de crianças e adolescentes da rede privada de ensino em Salvador, terem interesse e disponibilidade de participarem da

pesquisa. De acordo com Roulston (2016) a entrevista semiestruturada consiste em um diálogo entre o pesquisador e o participante através de um roteiro pré-estabelecido, dando espaço, quando necessário, para outros questionamentos que, porventura, surjam no decorrer do processo e possam ser explorados.

O instrumento foi elaborado considerando os conceitos, modelos e habilidades de letramento digital discutidas na seção anterior, com o objetivo de identificar as principais dificuldades que os pais têm encontrado em mediar as atividades remotas e reconhecer quais as habilidades relacionadas com o letramento digital vêm sendo exigidas nessa interação. Para validação, foi realizada uma entrevista prévia com um voluntário que possuía o mesmo perfil dos sujeitos desta investigação. A partir do *feedback* desse sujeito, foram realizados os ajustes no roteiro da entrevista, a fim de garantir a qualidade do instrumento para o alcance dos objetivos propostos pela investigação. Após essa readequação, foram iniciadas as entrevistas utilizando o *Whatsapp* e, posteriormente, a análise dos dados.

A análise dos resultados obtidos, após a realização das entrevistas, partiu do quadro produzido no editor de texto do Word, onde foram registrados os dados produzidos junto com os participantes. Após essa sistematização, as falas dos sujeitos foram analisadas considerando a fundamentação teórica adotada, nesse artigo, sobre letramento digital, considerando a matriz de habilidades e competências de letramento digital discutida nos trabalhos de Rosa (2013), Rosa e Dias (2012), e Dias e Novais (2009).

Por fim, por se tratar de uma pesquisa com seres humanos precisamos evidenciar que a esta investigação está sintonizada com as diretrizes da Resolução n. 466/2012 e n. 510/2016, que se pautam no respeito à integridade, dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano (BRASIL, 2012, 2016). A pesquisa ainda está vinculada com o projeto “Jogos e narrativas seriadas televisivas: delineando novas práticas de aprender e ensinar Ciências”, submetido ao Conselho de Ética com número do parecer: 3.753.216.

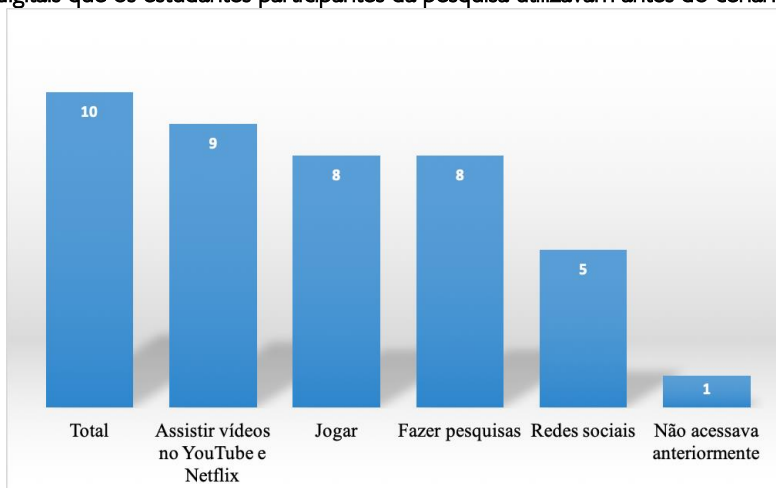
Os sujeitos aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e a entrevista foi realizada individualmente pelo *WhatsApp* devido ao cenário de distanciamento físico social imposto pela COVID-19. Além disso, todos os participantes assinaram o Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TLCE), registrando sua ciência quanto ao objetivo da pesquisa e os procedimentos metodológicos utilizados, garantindo o anonimato dos participantes e de suas respostas.

## **5 QUAIS SÃO AS HABILIDADES DE LETRAMENTO DIGITAL REQUERIDAS NO CENÁRIO DA COVID-19?**

A entrevista realizada com os 10 pais e responsáveis se iniciou com a intenção de investigar como as crianças interagem com as tecnologias digitais antes do cenário da educação remota, a fim de

visualizarmos as práticas de letramento digital em que estes investem fora da escola. No gráfico da Figura 3, podemos observar que 9 estudantes assistiam vídeos no *Youtube* e *Netflix*, 8 estudantes utilizavam as tecnologias digitais para jogar e fazer pesquisas na internet, 5 estudantes interagiam em diferentes redes sociais e, 1 estudante não interagia regularmente com nenhum dispositivo digital antes do cenário da educação remota.

Figura 3: Ambientes digitais que os estudantes participantes da pesquisa utilizavam antes do cenário da educação remota.



Fonte: elaboração própria.

Os dados da Figura 3 indicam que as práticas de letramento digital dos estudantes, antes do cenário da educação remota, incluíam várias modalidades, como a oral, escrita e visual. Devido à multimodalidade semiótica dos ambientes digitais, esses sujeitos – mesmo os ainda não alfabetizados – passam a construir sentido e a desenvolver a leitura visual e o reconhecimento de padrões nas diferentes plataformas digitais. Por consequência, o desenvolvimento dessas habilidades pode promover o exercício de práticas de autoria, compartilhamento, construções interativas e colaborativas e remixagens.

Além disso, no que se refere à questão de acesso, vale destacar que os 10 responsáveis entrevistados nessa pesquisa, cidadãos de classe B com ensino superior completo, estão sintonizados com as evidências destacadas na Figura 1 da pesquisa “TIC Domicílios” (CGI.BR, 2019a), todos destacaram que possuem acesso a mais de 5 megas de internet, além de diferentes dispositivos digitais como computadores pessoais, *smartphone*, *tablet*, etc.

A apesar dos pais entrevistados confirmarem que seus filhos já interagem fortemente com diferentes tecnologias digitais, plataformas, aplicativos e jogos interativos antes do contexto da COVID-19, o depoimento do participante 1 representa a fala de 7 dentre os 10 participantes da pesquisa. Os quais destacaram que as escolas não adotavam práticas pedagógicas mediadas pelas tecnologias digitais, mesmo aquelas restritas às ações instrumentais, antes do cenário da educação remota.

A escola que ela estuda também já não tinha muita inserção tecnológica. Então a escola não tinha plataforma, a escola se comunicava por e-mail e telefone. Não tinha uma plataforma de interação tão profunda. A escola então, depois da pandemia, adotou tudo isso. (Participante 1).

Ainda nesse sentido, o participante 2 evidencia que a implantação das plataformas ocorreu às pressas, com pouca preocupação pedagógica e sem nenhum processo de formação anterior, tornando ainda mais custosa a transição do modelo de ensino.

No começo as dificuldades foram muitas, porque os pais não tiveram nenhum tipo de treinamento para utilizar a plataforma. A gente só recebeu um usuário e senha e iniciamos a experiência pedagógica. Era muito difícil acessar, saber entrar nas salas e tudo mais. Isso foi gerando uma certa frustração porque as vezes nem os próprios professores conseguiam entrar na sala, as vezes o áudio estava ruim. A gente não ouvia, os meninos não eram ouvidos e por aí vai. (Participante 2)

As escolas já deveriam promover a interação com as tecnologias digitais com ações que fossem além da percepção instrumental, de treinamento para acesso, citada pelo Participante 2. É preciso que as tecnologias digitais sejam colocadas como estruturante dos contextos e processos que perpassam a sociedade contemporânea (ALVES, 2016). Portanto, trabalhadas de maneira transversal as práticas pedagógicas. De acordo com Silva, Bonilla e Florêncio (2020):

[...] as escolas, como cenário formador, precisam incorporar as práticas de multiletramento e vincular as linguagens hipermediáticas presentes na sociedade no contexto pedagógico. Assim, podem romper hierarquias e modelos fabris, tornando professores e alunos produtores de conhecimentos e culturas. (p. 60-61)

A “frustração” colocada pelo Participante 2 poderia ter sido evitada se as instituições de ensino já estivessem realizando um trabalho de formação em prol do desenvolvimento do letramento digital dos professores e estudantes, para que eles pudessem, dentro do cenário da educação remota, atribuir sentido e de tomar decisões de forma colaborativa e cooperativa, frente aos diferentes âmbitos semióticos (SILVA, 2017).

Dentro dessa definição, podemos observar que os depoimentos de 7 responsáveis entrevistados ainda estão alocados, indiretamente, em uma vertente autônoma de letramento digital (PANEL, 2002; GILSTER, 1997). Para o participante 3, de 7 anos, a utilização tecnologias digitais no ensino remoto não é um fator que tem dificultado a aprendizagem do seu filho porque ele já sabia baixar aplicativos, fazer pesquisas na internet, imprimir e fazer cópias em impressora multifuncional, por exemplo.

Na escola ele tinha 1 aula por semana no laboratório de informática. E em casa, antes da escola, ele já mexia no computador, eu ensinei a ele. Temos uma smartTV (Android), a qual ele interage com o controle remoto, inicialmente fazia as pesquisas por voz, depois passou a utilizar o teclado virtual). Ele tem um Playstation 4, e utiliza muito smartTV em seu quarto para assistir TV (YouTube, Netflix, Amazon Prime), sabe instalar aplicativos, sabe que não pode comprar jogos. Isso sem contar que ele domina o smartphone. Mas para aula, não utilizava. Essa aula de informática acontecia porque ele é integral, ou seja, fora do ambiente do ensino básico. Ele adora pesquisar na internet, imagens para desenhar. Esse ponto da pesquisa, ele sabe fazer. Outra coisa que ele sabe é diferenciar as imagens para pintar. Ele imprime. E descobriu que pode fazer cópias com a impressora multifuncional. [...] Ele sabe habilitar/desabilitar microfone/câmera, sabe onde fica o chat, sabe alterar o layout. Ficou um pouco perdido com os hyperlinks e abas de navegador,

quando a professora passou o primeiro formulário, mas agora já sabe como funciona. (Participante 3).

A vertente do modelo autônomo de letramento digital prevê uma definição ancorada, simplesmente, nas práticas de leitura e escrita realizadas através de dispositivos digitais. Ou seja, estipula que sujeitos letrados digitalmente são aqueles que, por exemplo, conseguem digitar ou ler algo produzido em um processador ou editor de textos ou outras produções, como foi destacado no depoimento do participante 3, desconsiderando os usos culturais e as práticas sociais que podem vir a ser realizadas através das tecnologias digitais. Assim, questões relacionadas à autoria, remixagem e compartilhamento, como possibilidade de letramento dos sujeitos inseridos nesses espaços digitais, ainda não eram discutidas nesta vertente.

Todavia, estamos inseridos em um modelo formativo tecnicista que supervaloriza as práticas letradas escritas em detrimento das demais e, nesta conjuntura, todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino remoto – seja as instituições de ensino e/ou os professores – possuem lacunas formativas determinantes para o engajamento dos estudantes. Essas lacunas são evidenciadas na própria metodologia conservadora, sintonizada com o modelo tradicional de educação, veiculadas por práticas baseadas na transmissão de conteúdo. A fala do participante 4, evidencia como isso vem acontecendo no contexto da educação remota em que seus filhos estão inseridos:

[...] a metodologia está sendo a mesma, aula expositiva, slide, uma professora que mostra um quadro e correção de exercícios. As aulas de artes e educação física é que mandam algumas instruções pra a gente executar em casa. A de educação física mesmo, apesar de eu entender os objetivos, eu discordo totalmente, porque o professor repassa uma responsabilidade de uma atividade que é maçante, geralmente sacal, que a gente leva um tempo elaborando, para em 5 minutos fazer mandar uma foto e acabar. Então não estou de acordo com essa aula, não acho que isso seja uma aula. Além disso, os alunos não apresentam nada, os microfones ficam fechados e eles só falam se a professora solicitar. (Participante 4)

Nota-se, a partir da fala do participante 4, que a escola está atuando sob o mesmo modelo metodológico utilizado presencialmente. Houve uma incorporação das tecnologias e plataformas digitais para apoiar o ensino remoto sem nenhuma adaptação dos métodos e dos sistemas de avaliação, reduzindo, drasticamente, o papel social dessas tecnologias. Ensino remoto nesse contexto não pode ser sinônimo de aula *online* é necessário que seja adotada metodologias que explorem mais a autonomia e liberdade dos estudantes, aulas que promovam a resolução de problemas, a investigação e a construção cooperativa e colaborativa do conhecimento e a própria valorização do protagonismo desses sujeitos frente ao processo de ensino-aprendizagem.

Ainda nesse sentido e, dentro da perspectiva do *broadcasting* discutida na seção anterior, o participante 6 ainda pontua que houve a implantação de um modelo baseado na transmissão de uma quantidade relativamente grande de conteúdos, exercícios e vídeos, que dificulta o acompanhamento e não garante a aprendizagem.

[...] eles mandam *PowerPoint* cheio de exercícios, vídeos do *youtube*, falas da professora, correções, gravações, e essa é a parte chata. Porque todo dia têm isso e a gente não consegue acompanhar essas aulas por conta da nossa rotina diária. (Participante 6)

O papel do professor é central para a qualidade e sucesso do ensino remoto, infelizmente, as ações voltadas à formação de professores visando o desenvolvimento do letramento digital são, frequentemente, instrumentais, baseadas restritamente no exercício das habilidades técnico-operacionais para a utilização de aplicativos e aparatos tecnológicos, sem considerar sua autoria na produção dos materiais pedagógicos e dos direcionamentos metodológicos (CARDOSO; SANTO, 2020).

No Brasil, apesar 76% dos professores já terem buscado desenvolver ou aprimorar seus conhecimentos sobre o uso das tecnologias digitais para auxiliar sua atuação em sala de aula, apenas 42% revelam ter cursado alguma disciplina sobre o assunto durante a graduação, e somente 22% participaram de algum curso de formação continuada sobre o uso de computadores e internet nas atividades de ensino (CGI.BR, 2019a).

Entretanto, para além de uma formação operacional, é urgente o desenvolvimento das habilidades autorais de letramento digital para sintetizar, produzir, remixar e compartilhar novos conhecimentos no ciberespaço. Essas habilidades promovem o empoderamento e a autonomia dos sujeitos (JENKINS, 2009). Entretanto, é preciso destacar que no contexto da cibercultura, o conceito de autonomia não é mais entendido como independência ou individualização, tornando-se, portanto, uma nova maneira de criar significados, de atribuir sentido e de tomar decisões no ciberespaço.

Ao desenvolver as habilidades autorais de letramento digital, os professores estarão mais próximos de criar um ambiente inovador, com uma dinâmica que se diferencie das práticas que já estão historicamente consolidadas na educação: aquelas baseadas na transmissão de conteúdo, nas aulas expositivas, nas quais os estudantes são “passivos” do processo de ensino e aprendizagem e o professor é o único detentor do saber. Nossa assertiva baseia-se na perspectiva de Silva (2017, p. 226):

[...] não se trata de dar ênfase ao espetaculoso das tecnologias digitais, ao fascínio pelas mídias digitais, que muitas vezes, podem levar o professor a utilizar vários recursos multimidiáticos, mas cultivar velhos hábitos metodológicos. Trata-se de se pensar metodologias de ensino e aprendizagem que possibilitem leituras e escritas críticas e reflexivas [...].

Não restam dúvidas que o desenvolvimento do letramento digital é condição *sine-qua-non* para o estabelecimento de uma educação mediada pelas tecnologias digitais não massivas, tendo em vista que tais tecnologias são descentralizadas, interativas e estão em constante transformação. No contexto da educação remota, em que estamos atualmente inseridos, a reprodução de uma metodologia de ensino tradicional, que não valoriza a apropriação de outros saberes, tem interferido no engajamento e motivação dos estudantes nas atividades a distância.

Esse modelo interferiu no engajamento dele porque ele é um menino muito agitado e também muito proativo. Então a mediação com as tecnologias não têm funcionado e ele não tem aprendido o conteúdo por causa disso. (Participante 7)

De acordo com Fonsêca *et al.* (2016), o engajamento escolar é o processo que contribui com a participação ativa dos estudantes no curso da aprendizagem, sendo definido como um estado psicoemocional que pode ser diretamente afetado pelo contexto em que o indivíduo e a atividade estão inseridos. Nesse caso, o contexto de distanciamento social da COVID-19 e a implantação das plataformas digitais para mediação do ensino remoto, são dois fatores que podem contribuir negativamente com o engajamento e motivação nas atividades a distância, mesmo daqueles estudantes que já interagem com diferentes tecnologias digitais anteriormente, como é evidenciado no depoimento do Participante 7.

Em uma pedagogia que priorize os multiletramentos (SILVA, 2017), em especial, no caso deste artigo, o letramento digital, aulas mediadas pelas tecnologias digitais valorizariam ainda mais outros saberes dos estudantes, proporcionando uma nova forma de relação com a informação. Os professores envolvidos, nesse processo pedagógico, devem desenvolver atividades didáticas que deem espaço ao protagonismo desses estudantes para resolução de problemas, projetos investigativos, dentre outras atividades, evitando a frustração e o desinteresse que tem ocorrido, em alguns casos, no cenário da educação remota. Desta forma, é urgente que as práticas letradas mediadas pelas tecnologias digitais sejam repensadas e que os dispositivos digitais possuam um papel que vá além da operacionalização desta demanda remota, mas que possa ser um canal de produção e construção de saberes de maneira ampliada.

## 6 REFLEXÕES FINAIS

A educação remota como solução para a suspensão das aulas presenciais devido ao cenário de distanciamento social posto pelo novo Coronavírus, traz consigo uma série de discussões, demandas e frustrações por parte dos profissionais da área de educação e dos estudantes imersos nesse processo. No que se refere, especificamente a questões associadas ao letramento digital desses sujeitos, as entrevistas realizadas com os 10 responsáveis de estudantes de rede privada da cidade de Salvador (Bahia) apontam que o ensino remoto tem limitações específicas, mas, diante do cenário atual, é a alternativa mais atingível.

Entretanto, os depoimentos dos entrevistados revelam a urgência em se repensar os direcionamentos metodológicos que as instituições de ensino estão adotando. A utilização de plataformas digitais como *Teams*, *Google Class*, *Google Meet* e *Zoom*, por si só, não garante a motivação e o engajamento dos estudantes no processo de ensino remoto, se não vierem acompanhadas de uma prática pedagógica embasada por um aporte metodológico que valorize a pedagogia dos multiletramentos. É preciso que as atividades realizadas nessas plataformas sejam baseadas no protagonismo do estudante em prol da ampliação da interatividade, da criatividade, do dinamismo, dos processos de produção de sentido

e de relações subjetivas e interpessoais, advinda do próprio letramento digital, para que os estudantes se autorizem de maneira crítica e autônoma no ciberespaço.

Com isso em mente, entendemos que a formação de professores para o desenvolvimento das habilidades de letramento digital é condição *sine-qua-non* para o estabelecimento de uma educação mediada pelas tecnologias. Em circunstâncias emergenciais, como a que estamos vivendo no atual momento, essa demanda pela formação torna-se um tanto quanto custosa, entretanto, é importante que tomemos isso como experiência para outras atuações com este público que está, cada vez mais, interconectado, interligado e envolvido em diferentes âmbitos semióticos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Raíssa Bárbara Nunes Moraes; ZERBINI, Thaís. Distance Learning Degrees: Possibility of Evasion, Styles and Learning Strategies. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 29, 2019. Disponível em: <http://twixar.me/sRfm>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.

ALVES, L. R. G.. Práticas inventivas na interação com as tecnologias digitais e telemáticas: o caso do Gamebook Guardiões da Floresta. **Revista de Educação Pública**, v. 25, p. 574-593, 2016. Disponível em: <http://twixar.me/IMcK>. Acessado em: 28 de Dez. 2019.

ARRUDA, Eucídio Pimenta. EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.auniredede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 2 Jun. 2020.

BANCO MUNDIAL. **Políticas educacionais na pandemia da COVID-19: o que o Brasil pode aprender com o resto do mundo?**, 2020. Versão de 25 de março de 2020. Disponível em: <http://twixar.me/zlrT>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <http://twixar.me/flbT>. Acessado em: 28 de Dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <http://twixar.me/qy71>. Acessado em: 28 de Dez. 2019.

BUZATO, M. E. K. Desafios empíricos-metodológicos para a pesquisa em letramentos digitais. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, Campinas, n. 1, p. 45-62. 2007. Disponível em: <http://twixar.me/BB6l>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.

CARDOSO, Ariston de Lima; SANTO, Eniel do Espírito. Lirretacia digital: um mosaico de experiências do contexto da formação docente. In: TRINDADE, Sara Dias; MOREIRA, J. António; FERREIRA, António Gomes. **Pedagogias Digitais no Ensino Superior**. Vol.8. Coimbra. 2020.

CGI.BR. Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros: TIC DOMICÍLIOS 2018. São Paulo: **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, 2019a. Disponível em: <http://twixar.me/DhIT>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.



CGI.BR. Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras: TIC EDUCAÇÃO 2018. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019b. Disponível em: <http://twixar.me/FhIT>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.

CHAN, Banny SK; CHURCHILL, Daniel; CHIU, Thomas KF. Digital Literacy Learning in Higher Education through Digital Storytelling Approach. *Journal of International Education Research*, v. 13, n. 1, p. 1-16, 2017. Disponível em: <http://twixar.me/RB6I>. Acesso em 10 de Mai. 2020.

CREARIE, Linda. Human Computer Interaction (HCI) and Internet Residency: Implications for Both Personal Life and Teaching/Learning. *International association for development of the information society*, 2016. Disponível em: <http://twixar.me/7B6I>. Acesso em 10 de Mai. 2020

CRONIN, Catherine. Openness and praxis: Exploring the use of open educational practices in higher education. *The International Review of Research in Open and Distributed Learning*, v. 18, n. 5, 2017. Disponível em: <http://twixar.me/NB6I>. Acessado em: 10 de Mai. 2020.

DAVILA, Elba Marina Monzón. Alfabetización digital en el aula. *Proceedings of the Digital World Learning Conference CIEV 2019*, 2020. Disponível em: <http://twixar.me/xNfm> Acessado em: 10 de Mai. 2020.

DIAS, Marcelo Cafiero; NOVAIS, Ana Elisa. Por uma Matriz de Letramento Digital. In: III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://twixar.me/9tgn>. Acessado em: 10 de Mai. 2020.

FONSÊCA, Patrícia Nunes da et al. Engajamento escolar: explicação a partir dos valores humanos. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 20, n. 3, p. 611-620, 2016. Disponível em: <http://twixar.me/fbrT>. Acessado em: 10 de Mai. 2020

GILSTER, P. *Digital literacy*. New York: John Wiley. 1997.

JENKINS, H. *Cultura da Participação*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KLEIMAN, Angela B. Letramento na contemporaneidade. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso*. vol.9 no.2 São Paulo, 2014. Disponível em: <http://twixar.me/MB6I>. Acessado em: 10 de Mai. 2020.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fundamentos, percalços e expansão das abordagens qualitativas. In: Souza, DN, Costa, AP Souza, FN. *Investigação Qualitativa. Inovação, dilemas e desafios*. Vol.3. Fortaleza: Ludomedia, 2016.

MISHRA, Karen E.; WILDER, Kelly; MISHRA, Aneil K. Digital literacy in the marketing curriculum: Are female college students prepared for digital jobs?. *Industry and Higher Education*, v. 31, n. 3, p. 204-211, 2017. Disponível em: <http://twixar.me/vFhT>. Acesso em: 10 de Mai. 2020

PANEL, ICT Literacy. Digital transformation: A framework for ICT literacy. *Educational Testing Service*, 2002. Disponível em: <http://twixar.me/QP6I>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.

ROSA, Fernanda Ribeiro. *Por um indicador de letramento digital: uma abordagem sobre competências e habilidades em TICs*. VI Congresso Consad de Gestão Pública. 2013. Disponível em: <http://twixar.me/FGxI>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.

ROSA, Fernanda Ribeiro; DIAS, Maria Carolina Nogueira. **Por um indicador de letramento digital: uma abordagem sobre competências e habilidades em TICs**. 106 f. 2012. Dissertação de mestrado, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/10143>. Acesso em: 10 de Mai. 2020

ROULSTON, K. Issues involved in methodological analyses of research interviews. **Qualitative Research Journal**, v. 16, n. 1, p. 68-79, 2016.

SILVA, Hanna Moitinho Freire Queiroz; BONILLA, Maria Helena Silveira; FLORÊNCIO, Roberto Remígio. Práticas de Multiletramento: uma realidade ainda distante nas escolas contemporâneas. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 9, n. 1, 2020. Disponível em: <http://twixar.me/3brT>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.

SILVA, Obdália F. (Multi)letramentos e formação de professores na sociedade digital: entretecendo (des)afios. In: **Tecnologias e Aprendizagens: delineando novos espaços de interação**. Salvador: EDUFBA, 2017.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81. 2002.

UNESCO (2020a). **Global Monitoring of school closures caused by COVID-19**. Disponível em: <http://twixar.me/blrT>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.

UNICEF (2020). **Covid-19: Mais de 95% das crianças estão fora da escola na América Latina e no Caribe**. Disponível em: <http://twixar.me/lIrT>. Acesso em: 10 de Mai. 2020

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento digital e ensino. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, v. 1, p. 133-148, 2005. Disponível em: <http://twixar.me/W0hT>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.

ZHOU, L., LI, F., WU, S. e ZHOU, M. 'School's Out, But Class' On', The Largest Online Education in the World Today: Taking China's Practical Exploration During The COVID-19 Epidemic Prevention and Control As an Example. **Best Evidence of Chinese Education**, 4(2):501-519, 2020. Disponível em: <http://twixar.me/lbrT>. Acesso em: 10 de Mai. 2020.

## COMO CITAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Beatriz Oliveira; ALVES, Lynn Rosalina Gama. Letramento digital em tempos de COVID-19: uma análise da educação no contexto atual. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, n. 28, p. 1-18, Set./Dez. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10282>. Acesso em: dd mmm. aaaa.